



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – OBMEP 2007

Theatro Municipal, Rio de Janeiro-RJ, 26 de fevereiro de 2008

Parece um artista, mais famoso que você, Carla Camurati.

Eu vou começar cumprimentando o nosso querido Ricardo Oliveira da Silva, lá do nosso querido estado do Ceará,

Cumprimentar o nosso querido companheiro, amigo e governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Cumprimentar a todos os nossos queridos alunos e alunas medalhistas de ouro,

Quero cumprimentar o nosso ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O companheiro, ministro da Saúde, Temporão, que apresentou, ao final do ano passado, o PAC da Saúde, em que prevíamos investir mais 24 bilhões de reais por ano na Saúde. E um dos programas era levar médico e dentista para todas as escolas públicas brasileiras e, lamentavelmente, teve que ser paralisado, porque um pequeno grupo de senadores resolveu não aprovar a CPMF e, portanto, o PAC da Saúde está sendo reconstruído para ver o que nós podemos fazer. Eu sou do tempo em que a gente ia à escola pública e a gente tinha médico e dentista. E, hoje, as crianças se ressentem disso neste País.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Edson Santos,



ministro da Secretaria Especial de Política e Promoção da Igualdade Racial,

O nosso querido senador Marcelo Crivella,

O deputado federal Sandro Matos,

A nossa querida e sempre importante amiga Carla Camurati, presidente da Fundação Theatro Municipal,

Cumprimentar a nossa secretária da Educação do estado do Rio de Janeiro, Tereza Porto,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Alexandre Cardoso, secretário estadual de Ciência e Tecnologia,

A nossa companheira Benedita da Silva, secretária estadual de Assistência Social e Direitos Humanos,

O José Roberto Marinho, presidente da Fundação Roberto Marinho,

O professor César Camacho, diretor-geral do Impa,

Quero cumprimentar a minha querida companheira Suely Druck, diretora acadêmica dessa coisa maravilhosa, o nosso Instituto de Matemática.

Primeiro, Suely, era uma dívida que você tinha comigo e uma dívida que eu tinha com você e com o Camacho, de irmos participar da entrega do Prêmio aos alunos e alunas que ganharam a Olimpíada. Porque foi uma cumplicidade boa que fez com que em 2004 assumíssemos o compromisso. Na verdade não é um compromisso, é o desafio de realizar uma Olimpíada da Matemática que envolvesse as escolas públicas.

A Suely foi ao Palácio do Planalto com um grupo de alunos premiados nas Olimpíadas de 2003. Eram poucos alunos, porque me parece que no Brasil, naquele tempo, participavam 270 mil alunos. Ela levou, eu acho, que uns 10 ou 12 alunos para participar de um evento comigo. E eu fiquei fascinado



com a idéia das olimpíadas. Estava presente, na época, o ministro da Educação, Tarso Genro, estava, na época, o então ministro da Ciência e Tecnologia, Eduardo Campos. A Suely me explicando como é que funcionava a Olimpíada, eu falei: Suely, por que a gente não faz uma Olimpíada da Matemática das Escolas Públicas? É possível organizar? Ela falou: “É”. Tarso Genro, é possível fazer? “É”. Eduardo Campos, é possível fazer? “É”. Então, decidimos, naquele momento, que nós íamos começar a discutir a Olimpíada da Matemática.

Mas como no Brasil, de vez em quando aparecem algumas pessoas que remam contra a maré o tempo inteiro, eu passei um mês ouvindo pessoas dizerem: “Não vai dar certo. Alunos de escolas públicas não participam. Não têm motivação. Eles não estão habituados, isso vai ser um fracasso total.” Era um pessimismo, que se eu fosse levar a sério, eu ligaria para a Suely e falava: Suely, acabou a nossa Olimpíada. A criança nasceu morta. Pronto. Mas como tudo na vida que eu consegui foi na base da teimosia, nunca houve nada fácil na minha vida, nunca ganhei nada de graça. O primeiro presente que ganhei na vida foi eu mesmo que comprei: uma bicicleta velha em que eu gastava mais tempo arrumando a corrente e sujando a mão de graxa do que andando de bicicleta. Mas foi a primeira que eu tive.

Bem, resolvemos levar avante a Olimpíada, meu caro Ricardo. No primeiro ano, se inscreveram 11 milhões de adolescentes para participar das Olimpíadas e participaram 10 milhões e meio. Se eu errar o número, aqui, você me corrige, viu Camacho? Isso foi em 2005. Em 2006, tinha eleições para governo, para presidente da República, nós não pudemos nem fazer um cartaz para colocar na escola, a Justiça Eleitoral não deixou a gente fazer propaganda na televisão, não deixou a gente fazer propaganda no rádio, não deixou a gente colocar um cartaz na escola: “Alunos do Brasil, inscrevam-se para participar da Olimpíada”. Não deixaram, porque diziam que era campanha eleitoral. Mesmo com toda essa proibição, meu caro José Roberto Marinho, se



inscreveram 14 milhões de crianças para participar dessa Olimpíada. E este ano, chegamos a 17 milhões e 300 mil crianças.

Mas eu me lembro que, em 2004, eu perguntei para a Suely: Suely, onde é tem que mais alunos participando das Olimpíadas? Ela me disse: “Presidente, a Argentina tem 1 milhão e 200 mil alunos participando, é muito grande. Os Estados Unidos, Presidente, têm 9 milhões de alunos e alunas participando, nós nunca vamos chegar lá. Pois bem, apenas três anos depois, nós temos 17 milhões e 300 mil alunos, a maior Olimpíada da Matemática do mundo. Só perderemos para a China e para a Índia se eles resolverem se inscrever, porque tem tanto chinês e tanto indiano no mundo que a gente pode até perder.

Mas o que é gratificante nisso, companheiro Camacho e companheira Suely é que eu sempre acreditei numa tese: o ser humano não precisa ser tutelado. Ele não precisa de alguém que diga para ele: faça assim que vai dar certo. O que ele precisa é apenas de uma oportunidade. O que ele precisa é de um despertar das suas vocações para que ele sinta o prazer ou não de fazer as coisas. E, já desde 2005 que eu estou falando com o meu companheiro Fernando Haddad: vamos fazer as Olimpíadas de Português. Também não é fácil, porque a gente pensa que é fácil. Na matemática porque já tem o Instituto que fazia isso, Português, a gente não tem. Mas, agora, já fizemos uma parceria com o Itaú. Eu espero, viu, Cabral, porque na Olimpíada da Matemática o Itaú não deus os computadores, mas na de Português, que ele é sócio, certamente ele não vai se negar a dar. Já que vai dar agora para a Matemática, dá também para o Português, depois dá para a Física, depois dá para as Ciências, depois dá para as Artes e vai dando. E diga-se de passagem, se o Itaú continuar tendo os lucros que está tendo, isso não vai custar nada para o Itaú, não vai custar absolutamente nada para o Itaú.

Mas, então, eu estou gratificado. Vocês não sabem a emoção de entregar essa medalha para vocês, porque é a concretização de um sonho, é a



consagração da afirmação do País, enquanto nação. Durante muitos e muitos anos, a gente, de um lado vê vocês e nós ficamos com uma esperança incomensurável. E, de outro lado, a gente vê na televisão jovens de 17 anos sendo presos, de 18, de 20 anos, porque também essa juventude é resultado de mais de 25 anos de descaso do poder público com a educação, o emprego, a afirmação da própria família brasileira, que viveu durante muitos anos um processo de degradação, em que pai não respeita mãe, que não respeita filho, filho que não respeita pai. Tudo isso resulta no que a gente vê: jovens de 18, 19 anos acham que o crime organizado, que a bandidagem é a esperança para eles. Cabe a nós oferecermos uma oportunidade.

Na semana que vem, estarei aqui com o governador Sérgio Cabral, fazendo talvez a maior intervenção urbana já feita na história do Rio de Janeiro, porque todos vocês, de Juiz de Fora, (inaudível), de Maringá, todos vocês, do Brasil inteiro, já ouviram falar do Complexo do Alemão, só parece bandidagem, já ouviram falar da Rocinha, só aparece bandidagem, á ouviram falar de Pavão/Pavãozinho, é só bandidagem, já ouviram falar de Manguinhos, é só bandidagem. Nós vamos provar que a bandidagem é resultado da urgência de o poder público municipal, estadual e federal cumprir com suas obrigações, levando escola, educação, saúde, lazer, esperança e oportunidade para essas pessoas.

Dia 07, estaremos começando três grandes obras de urbanização de três grandes favelas daqui do Rio de Janeiro. A gente quer provar que 99% das pessoas são boas, 99% das pessoas querem trabalhar e viver dignamente, querem ganhar dinheiro com o suor do seu sangue. Não querem viver traficando, vendendo armas, contrabandeando. Não querem. As pessoas vão para isso quando falta oportunidade. Alguns estão atolados até o pescoço, eles têm que ser presos, punidos para evitar que outras pessoas tenham neles os seus seguidores. Nós vamos cuidar disso com carinho, mas nós queremos provar que o estado pode cumprir uma função muito mais importante do que



cumpriu historicamente neste País.

E, por último, eu queria contar uma história para vocês de um caboclo, lá das bandas do Nordeste, chamado Ricardo Oliveira da Silva. Medalhista de ouro pela segunda vez, Ricardo tem 19 anos, sofre de amiotrofia, atrofia do tecido muscular, é isso dr. Temporão? E anda, como vocês estão vendo – hoje, na moda dos portadores de deficiência, ele poderia ser chamado de cadeirante, não é isso? - um cadeirante. Mora num sítio isolado na zona rural de Várzea Alegre no nosso querido estado do Ceará, bem longe do Rio de Janeiro. Para fazer a prova da primeira fase da Olimpíada, Ricardo teve que ser levado pelo sr. Joaquim, seu pai, em um carrinho de mão, porque a estrada de chão que liga o sítio à escola local é muito acidentada para uma cadeira de roda. Os pais, seu Joaquim e dona Francisca - estou certo? - são lavradores, plantam arroz, milho, fava, e certamente um pouquinho de mandioca, apenas para subsistência. Recebem o Bolsa Família, que ajuda a melhorar um pouquinho a alimentação. Começaram a comprar, por exemplo, carne e até queijo. Certamente queijo de cabra, não é, Ricardo?

Agora, Ricardo passou a receber a bolsa do programa de iniciação científica. A bolsa, de R\$ 100, é concedida aos medalhistas de ouro da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. Devido à dificuldade de locomoção, o programa de iniciação científica designou um professor especialmente para o Ricardo, o professor Valberto Rômulo Feitosa Pereira, que certamente não pôde estar aqui junto conosco, do Cefet da cidade de Cedro, vai à casa do aluno dois finais de semana por mês, confere? Para chegar à casa de Ricardo, o professor viajar de moto-táxi por uma hora e meia. Lá, ele dorme em uma rede na sala. Na última viagem, há 15 dias, o motoqueiro e o professor tomaram um tombo por causa da estrada escorregadia, mas felizmente, graças a Deus, não se machucaram. Para ensinar, o professor Valberto senta-se no chão com o aluno porque está é a posição mais confortável para o nosso querido Ricardo. Ricardo é autodidata,



aprendeu a ler, escrever e fazer as quatro operações com a mãe, dona Francisca. Continuou a estudar por conta própria, lendo os livros didáticos do irmão mais novo, o nosso querido Ronildo. Aprendeu tanto sozinho que a escola local aceitou matriculá-lo, três anos atrás, já na quinta série. Mas Ricardo não frequenta a escola. A cada dia, um professor vai até sua casa, passa os deveres e volta para corrigir no dia seguinte.

Tantas dificuldades não desanimam Ricardo. E ele diz: a deficiência física não atrapalha, o que conta é o talento e o esforço. Todo mundo tem algum defeito. Algumas pessoas parecem perfeitas, mas têm defeitos muito graves como a preguiça e o desinteresse, por exemplo. Com o sucesso na Olimpíada, Ricardo se animou a seguir em frente e decidiu seu futuro: quer fazer um curso superior e seguir carreira na área de ciências exatas, matemática ou computação, se o Itaú der um computador.

Por último, vejam o que pensa o nosso querido Ricardo... O Ricardo sonha em ajudar o País com seus conhecimentos e ele diz: “Hoje é o Brasil que está me ajudando, mas pode ser que amanhã eu esteja ajudando o Brasil.

Vamos ver aqui o que diz o nosso companheiro Wallace. O Wallace é tricampeão. Esse já tem computador, viu, o Itaú não precisa se preocupar com esse. Mas o Wallace, como todo mundo, tem problemas. Mas também sabe superar os problemas. Ele não se considera um gênio da Matemática, e ele diz o seguinte: “Sou esforçado, você tem que botar a mão e o coração naquilo que deseja alcançar e seja o que Deus quiser”. E diz ele: “Deus disse: faça a sua parte, e eu lhe ajudarei”. É isso, Crivella? Muito bem. O Wallace é uma pessoa que guarda boas lembranças das aulas de tabuada que tinha com a mãe, diz ele que foi o começo de tudo, a base para tudo o que aprenderia depois. Ele já traçou o próprio destino. Quando perguntado sobre o que quer da vida, a resposta está na ponta da língua – metidão, assim – Matemática pura é minha praia. Quero seguir a carreira, quero ser mestre, quero ajudar a melhorar o ensino de Matemática no Brasil. Parabéns, querido Wallace.



Vamos ver o que diz aqui a Ana Beatriz, mais conhecida por Aninha, porque ela é a única menina que passou por aqui na lista dos tri campeões. Ela diz o seguinte, algumas frases da Ana, não vou falar da vida da Ana, não, porque mulher a gente não pode contar muita a vida. Vou falar da Ana o seguinte, algumas frases da Ana. As meninas, sobre Matemática, porque no texto diz que tem menos meninas do que meninos e disse que é uma coisa mundial isso. Então, ela disse o seguinte: “As meninas tem outros interesses, por isso não se dedicam tanto à Matemática. Eu também tenho, como qualquer menina, mas adoro Matemática e sempre que posso tento incentivar minhas amigas.” Diz ela: “O bom da Matemática é que com ela eu uso muito o raciocínio e vejo como há várias maneiras diferentes de resolver o mesmo problema. A educação é tudo para o País. É preciso formar bons engenheiros, bons médicos, bons professores. É preciso formar pessoas que saibam ser críticas. Aninha, um beijo no coração e um beijo para toda família.

Eu queria terminar dizendo para vocês que nós precisamos nos preparar para outras Olimpíadas. Eu não vou falar de educação, o Fernando Haddad sabe o que eu penso da educação. Obviamente que nós temos no Brasil... os professores e as professoras brasileiras foram, durante décadas e décadas, tratados como se fossem cidadãos de segunda classe, ou seja, durante muito tempo os professores não tiveram reajuste, aumentou a quantidade de alunos por sala de aula, não melhorou a condição de cada professor. E a profissão que era uma paixão nacional foi se deteriorando, foi criando uma espécie de desmobilização e desmotivação. E, obviamente, que um trabalhador em qualquer atividade, um jogador de bola... vocês sabem, quando um jogador está desmotivado, é aquele que perde a bola ao invés de correr atrás da bola para pegá-la outra vez. Põem a mão na cintura e ficam esperando os companheiros se matarem para tirar a bola, esses que a gente chama de chupa sangue, que parecem famosos, mas não correm atrás da bola, não suam a camisa. Obviamente que, todo mundo que não está motivado, que tem



uma divergência, as pessoas conseguem não produzir aquilo que precisariam produzir. Quando a gente motiva as pessoas, e o trabalho hoje não é apenas para melhorar a qualidade do ensino fundamental, do ensino técnico, do ensino universitário, mas é também o de recuperar a auto-estima da categoria dos professores brasileiros.

Na grande periferia do País, ontem eu vi uma reportagem, Fernando Haddad, de vários professores, acho que em São Paulo, desistindo de dar aula porque foram agredidos por alunos. Certamente que não são alunos como vocês, são pessoas que moram em lugares também que são degradados, situações delicadas e essa violência que acontece dentro de casa, sai para a rua. A hora em que abre o portão, a violência vai junto. Então, é todo um processo de recuperar a auto-estima das pessoas, do aluno, do professor, do pai do aluno. Eu fiz até um pronunciamento na televisão pedindo para que os pais acompanhem a vida do seu filho nas escolas. Que chegue em casa, peça quais foram os deveres de casa que ele trouxe. Muitas vezes, Fernando, o pai não sabe ensinar o filho. Então, é preciso que a gente tenha na escola gente preparada para ensinar a criança. Porque, senão, depois de um mês que ele não faz o dever de casa, ele perdeu tudo. Ele vai ser um aluno complicado na escola. Então, é preciso que a gente tenha um conjunto de ações. Eu estou otimista. Estou otimista porque aprovamos o PDE no Congresso Nacional, que é Programa de Desenvolvimento da Educação. Possivelmente o maior conjunto de ações colocados à serviço da educação no País. Aprovamos o Fundeb, que conseguiu passar 4 bilhões a mais para as escolas públicas municipais, estaduais deste País. E eu estou otimista. Estou muito otimista porque eu acho que as coisas estão acontecendo nas universidades, nas escolas técnicas, no ensino fundamental.

E eu queria dedicar isso aos meninos como o Ricardo. Eu, sinceramente, todos nós aqui reclamamos da vida, quantos de vocês levantam de manhã nervosos com o pai: “ah, porque meu pai não me deu aquilo, minha



mãe não me deu aquilo, meu pai não quis fazer aquilo, não sei das quantas, fica de bico, xinga baixinho a gente”. Não xinga alto, porque foi educado. Mas, baixinho, fala: “Coroa atrasado, não sei das quantas, não me atende, não sei das quantas, não estou com vontade de estudar, não vale a pena. Eu vou ser jogador de bola.” O Ricardo é o exemplo mais vivo de que o ser humano é tocado a uma coisa chamada motivação, esperança, crença. Não há nenhuma razão para um jovem de 14, 15, 16, 17, 18 ou 19 anos não ter esperança.

Quando a gente chega na minha idade, a gente já pode começar a perder a esperança porque já está mais próximo do céu do que da terra. Agora, na idade de vocês, não tem porque levantar de cara feia, não tem porque não acreditar no amanhã. E toda vez que um de vocês ficar desanimado: “ah, não vou aprender tal coisa, está difícil tal matéria, eu vou desistir”, lembre-se de um companheiro de vocês chamado Ricardo Oliveira da Silva. Ele é um exemplo. É um exemplo de que a gente não pode desanimar, é um exemplo de que todos nós podemos vencer e é um exemplo que eu digo todos os dias. Eu digo todos os dias, meus filhos, se eu, saído de Pernambuco para não morrer de fome, cheguei a São Paulo, fiz um curso de torneiro mecânico, virei dirigente sindical, fiz um partido político e virei presidente da República, isso não estava escrito, não. A sociologia não previa que um peão chegaria à Presidência da República, e eu cheguei. O que mais pode ser impossível para vocês, o que mais? O mundo, na verdade, está muito mais próximo de vocês, porque vocês estão tendo a chance que os pais de vocês não tiveram. E o Ricardo, certamente, com o pai e com a mãe que tem, trabalhadores humildes do campo, do Ceará, pode ser filmado aqui e ser mostrado na televisão como orgulho de uma nova geração que este País está produzindo.

Parabéns a todos os medalhistas e parabéns a você, Ricardo, ao seu pai, a sua mãe, ao Ronildo, seu irmão, e que Deus de abençoe. Um abraço e um beijo para todos vocês. Suely e Camacho, um grande abraço e sorte. Até o próximo ano.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Discurso do Presidente da República

(\$211A)